

Simonsen: só nossa inépcia justifica inflação de 200%

Fortaleza — O ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, afirmou, ontem, para uma platéia de mais de 300 empresários cearenses, que nada justifica “os 200 por cento anuais de inflação, senão a nossa inépcia para combatê-la”. Na sua opinião, isso é, em parte, culpa do Governo Federal, “que prefere a flexibilidade dos orçamentos múltiplos à disciplina de uma única lei de meios”.

Simonsen atendeu à convite do Banco Mercantil de Crédito, cuja sede é em Fortaleza, e com o qual acaba de assinar contrato para prestar serviços de consultoria econômica. Ontem, no Hotel Esplanada, sob um profundo silêncio dos empresários convidados, ele analisou “o desafio brasileiro” e começou dizendo que “o Brasil enfrenta, no momento, a pior crise econômica da história da República”.

O epicentro da crise é a desorganização do sistema financeiro mundial, pelo que a contribuição da política econômica brasileira é periférica, exceto num ponto — a inflação. Por mais desorganizado que seja o sistema financeiro internacional, por mais amargos que tenham sido os dois choques do petróleo, nada justifica os 200 por cento de inflação. Além de culpar, “em parte”, o governo e no todo “a nossa inépcia para combatê-la”, ele citou outros culpados:

— A política monetária, que, obcecada com o conceito convencional de moeda, acabou-se es-

pecializando na emissão de quase-moeda com correção cambial mais juros. E, ainda, um pseudotrabalhismo que tenta ignorar um preceito elementar de teoria econômica: não há como evitar a queda dos salários reais quando se aumentam impostos indiretos, criam-se subsídios ou se ajustam rapidamente as contas externas, afirmou.

No final da conferência, ele apontou soluções para a reorganização da nossa administração econômica:

— O primeiro elemento é a unificação do orçamento da União e a eutanásia dos orçamentos paralelos e da lei complementar número 12. O segundo é a delimitação clara das fronteiras entre a política monetária e a fiscal, com a concessão de maior independência ao Banco Central, a supressão dos créditos subsidiados e o congelamento da conta de movimento do Banco do Brasil. É claro que uma mudança de organograma não é condição suficiente para que se combata a inflação. Mas é condição necessária para que a sociedade brasileira possa escolher os seus rumos. E para que a contrapartida da maior liberdade seja a maior responsabilidade do Congresso.

— Há 3 anos o Brasil está parado. Contudo, as molas do progresso não se enferrujaram: o espírito empresarial, os recursos naturais e humanos, a competitividade externa.